

A ESCRITA NA LOUCURA: uma questão de inscrição¹

*Silvana de Oliveira Tatto**
*Marcos Pippi de Medeiros***

RESUMO:

Este artigo busca realizar uma investigação em psicanálise a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a relação da escrita com a psicose e suas implicações a respeito do nome-próprio, do corpo, do *sinthoma* e do ato de escrever. Consideramos que a escrita na psicose é uma forma de inscrever o sujeito, questão que vem a contribuir para os estudos dos processos na psicose e sua clínica.

PALAVRAS CHAVE: Psicose. Escrita. Corpo. Sinthoma.

¹ O presente artigo foi extraído do trabalho de conclusão de curso, da primeira autora, do curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – em 2009, sob orientação do segundo autor.

* Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano – UNIFRA (Santa Maria, RS, Brasil), cursando Especialização em Clínica Psicanalítica na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, Santa Maria, RS, Brasil). Rua Vereador Lauro Machado Soares, Quadra Três, 131 – Bairro São José CEP: 97095-750 Santa Maria, RS, Brasil. Telefone: (55) 8441.2630. Email: siltatto@hotmail.com.

** Graduado em Psicologia pela UNIJUÍ (Ijuí, RS, Brasil). Mestre em Psicologia Clínica pela PUC (São Paulo, SP, Brasil). Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA (Santa Maria, RS, Brasil). Rua dos Andradas, 1250 – Bairro Centro CEP: 97010-030 Santa Maria, RS, Brasil. Telefone: (55) 9128.4495 Email: marcosdemedeiros@uol.com.br.

Introdução

Ao nos depararmos com um texto literário escrito por um neurótico comparado com um texto escrito por um psicótico, é notável a diferença da escrita. Na densidade da escrita na psicose, percebe-se a criação quase heróica do psicótico em se fazer sujeito pelo que escreve, sendo comum o despertar de um sentimento de estranheza e falta de conexão. Segundo Mandil (2003), a função que a escrita tem para o psicótico se distingue da função de um texto escrito para ser lido e decifrado, no qual a demanda de interpretação é instituída pelo próprio autor, que traz uma autointerpretação do inconsciente, ou seja, o que não pode ser interpretado pode ser escrito.

A falta de coerência no texto do psicótico se dá por uma falta em relação à significação. Isso não ocorre efetivamente na estrutura neurótica, o que não quer dizer que ao ler um texto de um neurótico ele seja de tamanha clareza, até porque, segundo Lacan (1955-1956), na neurose a significação pode desaparecer por um tempo, porém, a realidade permanecerá. Já na psicose é no Real que vai aparecer o que deveria proteger o sujeito, o que acaba por ser aterrorizante a este último.

Ao escrever, o psicótico cria um corpo, um nome público, uma vida, uma forma de transmissão de algo que possa ser compartilhado. A escrita é um meio de inscrever um sujeito, uma lei que não foi inscrita, simbolizada. No que diz Lacan (1955-1956), a carência da simbolização na psicose ocorre pela forclusão da metáfora paterna, do *Nome-do-Pai*, sendo que essa metáfora é responsável pela criação do registro simbólico, de significações, da centralização do sujeito no mundo, guiando-o por uma lei.

O louco, após ser dito como louco, após ter perdido a sua bengala de apoio², após ter quebrado o terceiro pé do tamborete, encontra-se sem referências que lhe deem sustentação e, então, delira. Na escrita do louco os devaneios se tornam muito presentes, como se os delírios se tornassem criações por excelência. Sendo assim, nos textos de psicóticos é comum a escrita de delírios, de falas que lhe foram faladas, da invasão da voz do outro, que acaba por ser fixada no papel, no pano, na parede.

A produção deste artigo se justifica pela importância de compreender a relação da escrita com a psicose e o que esta relação pode contribuir para o tratamento daquela. Este trabalho visa realizar uma investigação bibliográfica em psicanálise a partir da leitura de

² No livro *O Seminário, livro 23: O Sinthoma* (1975-1976), Lacan fala que a escrita era a bengala de James Joyce, e foi pela via do *sinthoma* que Joyce se retirou da condição de pobre-diabo, ou seja, louco. Joyce não delirou.

escritos psicóticos, buscando, através destes, a definição desta estrutura, a relação de sua escrita com o corpo, com o nome-próprio, com o *sinthoma*, assim como a implicação do ato de escrever. Esta pesquisa ainda busca contribuir para investigações futuras sobre o tema, assim como para novas intervenções na clínica das psicoses.

Psicose: uma questão de escritura

Nasci louca
Meus pais queriam que eu fosse louca
Os normais tinham inveja de mim
Que era louca.
(Stela do Patrocínio, 2009, p. 60).

A loucura traz consigo uma gama de interrogações, de medos e fascínios. O que é real? É no Real que a loucura grita, é no Real que aparece o que ninguém mais pode ver, senão os loucos.

“Anos a fio pode-se caminhar sem ver, anos a fio pode-se buscar sem compreender, anos a fio pode-se lutar sem saber, tão espesso o nevoeiro que nos envolve, tão escuro o sono em que estamos mergulhados.” (Bresson, 1993, p. 13) É constatada a presença da loucura no momento em que ocorre uma perturbação da realidade e esta última deixa de ser como era antes e passa a ser guiada por uma nova realidade, um novo mundo que só quem tem acesso é o próprio sujeito psicótico (Lacan, 1955-1956; Freud, 1924; Násio, 1989).

Segundo Freud (1924), o *ego* do sujeito entra em conflito com o mundo, onde a percepção deste mundo acaba por não ter mais efeito. Então, o *ego* cria um novo mundo interno e externo, que vai de acordo com os impulsos do *id*, para se defender.

O novo mundo criado não conhece limites, carece deles. Os loucos tornam-se deuses, santos, reveladores de verdades jamais ditas, porque assim afirmam ser. E como diz Lacan (1955-1956), os psicóticos amam seus delírios como amam a si mesmos.

O delírio do psicótico é orientado pelas coisas que foram marcadas – esparsas amarragens – ao longo de sua vida. É sempre necessário dar crédito ao que dizem os loucos, porque o que dizem é fundado sobre uma apercepção da realidade psíquica, comunicando-nos o que é a realidade psíquica. O psicótico fala sobre o que lhe foi falado (em delírio) e

certamente o objeto de que fala não é como o dos outros (Jerusalinsky, 2004; Melman, 1993; Lacan, 1955-1956).

Conforme diz Dor (1989), o psicótico tem seu desejo suspenso e vai se consumindo a satisfazer um desejo que não é o seu, é um desejo materno. A mãe, “era mamãe e era o contrário de confiança, o contrário de espaço, o contrário do que se dispense e o contrário de viver” (Bresson, 1993, p. 29).

O que ocorre na psicose é uma falha na castração inconsciente. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), na forclusão do *Nome-do-Pai* não há essa castração, sendo que a psicose se confirma com o aparecimento de fenômenos elementares. Para Calligaris (1989), o que invoca uma crise é uma injunção, um apelo feito à vinda de uma referência simbólica, que não foi inscrita na psicose, então, o sujeito delira. Complementa Nasio (1989) que quem faz este apelo é um terceiro denominado *Um-Pai*.

Para Dor (1991), a mãe do psicótico é uma figura fálica e onipotente; possui a responsabilidade de inscrever a metáfora paterna na criança. O pai é visto como “silencioso em seu andar, cinzento em seu trajar, sem paixão, sem alegria, sem prazer, comprimido num sorriso que nunca era riso, encafuado mesmo nos ofícios religiosos à sombra de um pilar, sempre tive a impressão de que ele estava se escondendo” (Bresson, 1993, p. 23).

Pelo fato de não ter ocorrido a castração inconsciente de forma efetiva, o psicótico acaba por ter dificuldade em tornar-se homem, ou tornar-se mulher. Schreber nos traz esta questão quando escreve sobre os seus delírios de emasculação, dizendo que os Raios de Deus zombavam dele, chamando-o de Miss Schreber (Laplanche; Pontalis, 2001; Freud, 1911).

O saber do discurso psicótico é sem agente porque não pode se referir a uma amarragem paterna central já que não lhe foi inscrito e simbolizado. Assim, não haverá uma organização de saber e de mundo centralizada, sendo que este fato acarreta uma errância sem fim, mas não sem significação (Calligaris, 1989).

Lacan (1955-1956) diz que o psicótico encontra-se fora do discurso, porém, não fora da linguagem, oferecendo o testemunho direto da existência do inconsciente. É o que testemunha Emmanuel Bresson (1993), diagnosticado como esquizofrênico, no seguinte fragmento de seu livro autobiográfico: “Existe, no fundo da alma, uma região recuada. Havia sido esquecida, mas nós a conhecemos melhor que qualquer outra, e nela a luz é tão íntima que ilumina a lembrança.” (p. 31).

O corpo e a escrita psicótica

O psicótico possui uma relação peculiar com o seu corpo, visto que possui uma falha no processo de simbolização. Segundo Lacan (1957-1958), devido a essa falha o sujeito não consegue ordenar a sua estrutura corporal e nem sustentar suas relações imaginárias, não fazendo diferenciação do seu corpo com o corpo do outro.

Para Lacan (1955-1956), na psicose não ocorre a entrada efetiva de um terceiro que instaure o corte necessário para a inscrição do processo de simbolização. Por isso, complementa Goidanich (2003), que o corpo do psicótico é tido como despedaçado, sem inscrição de marcas deixadas, sem referenciais. Stela do Patrocínio³ traz a ilustração disso em seus versos:

Eu não sei como pode formar uma cabeça
Um olho enxergando, nariz respirando
Boca com dentes
Orelhas ouvindo vozes
Pele, carne, ossos
Altura, largura, força
Pra ter força
O que é preciso fazer?
É preciso tomar vitamina.
(Stela do Patrocínio, 2009, p. 75).

A “vitamina” de que se refere Stela do Patrocínio pode ser associada à escrita, pois, através desta, o psicótico cria tentativas de fazer um corpo, de ter uma forma, e isso é sustentado incessantemente pelo próprio sujeito. Acrescenta Rosa (2009) que a escrita escreve o corpo, produz forma. Escrevendo, cria-se um corpo.

O fato do corpo de o psicótico não ser simbolizado fez com que Schreber vivesse anos sem determinados órgãos vitais a qualquer outro humano, pois na condição de ser humano é que Schreber era imortal. Viveu sem estômago, sem intestinos, quase sem pulmões, com as costelas despedaçadas, o esôfago rasgado, sem bexiga, e ainda engolia partes de sua laringe junto com a comida (Freud, 1911).

³ Stela do Patrocínio ficou internada durante 30 anos na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro, onde morreu. Tinha o diagnóstico de “personalidade psicopática mais esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”. Diferenciava-se dos outros internos por sua fala poética. Suas falas foram gravadas, transcritas e publicadas no livro *Reino dos animais e dos bichos é o meu nome*, de 2001, na sua primeira edição. Stela escreveu em papelões, mas estes materiais foram perdidos.

“Que diabos terei eu nestas cabeças? Parece que tem espinhos! Ora picam-me as pernas, ora as coxas e até na cintura me importunam ou ferem. Safa! O que havia de ser?”⁴ No que diz Goidanich (2003), a sensibilidade do corpo do psicótico parece, por vezes, ficar amortecida, alheia à dor, ao frio, ao calor. Porém, nos momentos de crise os psicóticos ficam tomados por afecções que sentem atingir seu corpo, são enxurradas de estímulos que os afligem e aos quais não conseguem controlar.

No documentário *Estamira*⁵, a personagem principal, diagnosticada como “portadora de quadro psicótico de evolução crônica”, fala que é o “controle remoto artificial” que a faz sentir dores no corpo, “é na costela, é em tudo que é lugar”; se diz ser formato “homem par”, e transborda de raiva por ter que ficar invisível “com tanta hipocrisia, com tanta mentira, com tanta perversidade, com tanto trocadilo”.

Psicose e o nome-próprio

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício (...)
Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.
(Stela do Patrocínio, 2009, p. 110).

O nome próprio é um operador linguístico que, ao ser enunciado, marca injunções imaginárias e simbólicas, onde o sujeito da enunciação sempre irá defrontar-se ao ser chamado pelo seu nome. Todo nome se remete a um sentido, a uma filiação, ou seja, os nomes próprios se diferem dos nomes comuns por suporem um objeto referentemente único, obtendo um ato de nomeação autenticado por Lei nas certidões de nascimento. E é justamente a Lei que falha na psicose. (Novaes, 2006; Lacan, 1975-76).

⁴ Qorpo-Santo (2001, p. 361), escritor gaúcho considerado louco. Isola-se da sociedade e passa a escrever de forma incessante, criando uma forma de escrita peculiar.

⁵ Este documentário conta a história de uma mulher de 63 anos, que sofre de transtornos psiquiátricos, que trabalha e vive em um lixão no estado do Rio de Janeiro. Seu nome ganha o título do documentário produzido por Marcos Prado, lançado no ano de 2005, vencedor de 23 prêmios nacionais e internacionais. Disponível em <www.estamira.com.br>. Acesso em: 29 out. 2009.

Serge Bedere (2007), em seu artigo “As tentativas extremas de Antonin Artaud de recobrar o nome sob a letra”, traz a questão do escritor com relação à sua convicção delirante referente ao nome. Artaud pedia que fosse considerada a morte de Antonin Artaud (seu nome verdadeiro), pois Antonin Nalpas apoderara-se de seu corpo, onde esta convicção criada chegou ao ponto de Artaud querer processar a administração do hospital em que estava internado, para que fosse considerado este “novo” nome. Também Schreber, ao escrever sobre sua vida, seus delírios, nomeou sua obra de “Memórias de um doente dos nervos”, não usando assim o seu nome, desprendendo-se dele para escrever justamente sobre o sujeito, o “doente dos nervos”.

“Após o vazio sem fim do mundo de si, minha alma ainda quer um ponto fixo onde possa apoiar-se, ainda quer uma referência sobre a qual possa se reconstruir”, é o que escreve Emmanuel Bresson (1993, p. 257), antes de terminar seu livro assinando-o como o “Homem Doente”. Percebe-se aí que este ponto fixo, esta amarragem não lhe foi concedida.

Ao escrever, Stela do Patrocínio (2009) traz em seus versos o “mistério” que envolve os sobrenomes. Diz: “Vim de importante família / Família de cientistas, de aviadores/ De criança precoce prodígio poderes / Milagres mistério” (p. 59). Segundo Novaes (2006), esse mistério na psicose acentua-se pelo fato de o sobrenome ser uma marca simbólica, uma marca sobre outra, visto que ocorre na psicose uma carência no nível simbólico e, caso o psicótico reaja mal a seu nome, é possível que ele não se reconheça nas injunções em torno deste.

A escrita do psicótico ao grafar algo que represente o sujeito mesmo, que não o próprio nome, vem da ausência do significante nome-próprio. Logo, o que surge são representações associadas a esta falta. O psicótico assina um nome, não necessariamente o seu de batismo, mas o nome que inventa.

Inscrevendo um sujeito “ao pé da letra”

Eu gosto mesmo é de escrever
De fazer número
Em papelão
Continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia
Quando eu to com vontade de falar
Tenho muito assunto muito falatório (...)
(Stela do Patrocínio, 2009, p. 131).

A escrita é a passagem do que pode ser transmitido, visto que, na psicose a escrita aparece como possibilidade de fazer um nome em público. Na escrita da psicose, não há a passagem do Eu ao Ele, que segundo Blanchot (1987) é inerente à escrita. Complementa Masagão (2004) que o que ocorre na escrita psicótica é a passagem de um Ele exterior ao Eu escrito, inscrito. Segundo Sobral (2008), a escrita inscreve, fixa o real da materialidade significante.

A psicose consiste em uma falha ao nível do significante. Não havendo uma cadeia destes, o S1 aparece isolado. Pela dificuldade de simbolização do psicótico, os significantes aparecem no Real, deixando o sujeito à deriva, numa continuidade de significações sem sentido. A palavra torna-se maciça, pesada, é a coisa mesma sem mediações, onde o significante e significado são a mesma coisa. Logo, o psicótico acaba por levar as palavras/coisas “ao pé da letra”. Talvez por isso exista um apego desses sujeitos com a escrita (Lacan, 1955-56; Sobral, 2008; Novaes, 2006).

Através da escrita o sujeito faz um nome: “Um homem chamado cavalo é o meu nome” (Patrocínio, 2009, p. 42). Produz borda no corpo, pois não possui a inscrição simbólica de seu corpo, não tem onde “ter pele, ter carne, ter ossos, ter altura, ter largura/ Ter o interior, ter o exterior.” (p. 79).

No que diz Sobral (2008), a escrita aparece como delírio – o que faz com que se torne de difícil compreensão – e a palavra vem para produzir marca, produzir gozo, efetuar o corte que não foi feito, afastar o gozo total do Outro da linguagem. Em suas histórias a psicose não busca coerência, não busca o que falta ser dito, pois a própria não se funda na falta. Para Sobral (2008), a escrita do psicótico o singulariza, faz com que o sujeito expresse sua subjetividade por meio da alteridade.

A escrita na psicose pode ser vista como uma criação capaz de fazer suplência à falta da função paterna não simbolizada. O psicótico ao escrever, tenta encontrar a qualquer custo um pai, que pode se dizer indigno, pois não é encontrado em qualquer grau, o que faz com que haja uma tentativa desesperada de dar vida a algo fantasmático e ao mesmo tempo Real. No que confere o *sinthoma*, no registro da escrita, ele aparecerá como forma de gozar do inconsciente, tanto na neurose, como na psicose. (Guerra, 2009; Lacan, 1975-76; Guerra, 2009).

Segundo Lacan (1975-76), é através da escrita que entramos no Real, ou seja, paramos de imaginar, e é no momento em que se escreve que se pode tocar o Real, sendo que na psicose está presente a volta no Real do que não foi simbolizado. A escrita por si aparece de forma crua, como uma totalidade absoluta.

A escrita na psicose aparece como um elo, que mantém entrelaçadas as três instâncias – do Real, do Simbólico e do Imaginário – no *nó borromeano* e faz com que o sujeito compareça no discurso, que habite a linguagem. Este elo é denominado *sinthoma*. O pai é o *sinthoma*, é o quarto elemento do nó; sem ele nada é possível no nó do Simbólico, do Real e do Imaginário. Na medida em que o inconsciente se enoda ao *sinthoma*, ele singulariza o sujeito, coloca um ponto final na invasão total do Outro. Na psicose não há a inscrição simbólica do *Nome-do-Pai*, o que faz com que os três registros RSI sejam apreendidos em uma totalidade, sem furo, mas através da escrita como *sinthoma*, o nó toma aparência de *nó borromeano*. O papel do *sinthoma* é enlaçar os três registros RSI, pelos quais passam todas as experiências de um sujeito (Guerra, 2009; Lacan, 1975-76).

Para Sobral (2008), o ato de escrever na psicose implica em uma possibilidade de substituição do vazio deixado pela forclusão do *Nome-do-Pai*. A escrita vem suprir a metáfora paterna faltante na psicose, o que traz certo equilíbrio ao sujeito, sendo, em alguns casos, uma tentativa de cura.

Considerações finais

A escrita quando tomada como uma suplência bem sucedida da metáfora paterna permitirá a ligação dos três registros do Simbólico, Real e Imaginário, impedindo uma desordem total do sujeito. A amarragem das três instâncias pelo *Nome-do-Pai* suplente concederá ao sujeito o acesso do ser falante aos discursos, permitindo, assim, uma movimentação no social. Essa movimentação vem para acrescentar de forma positiva no tratamento das psicoses, permitindo que o sujeito passe a ter laços sociais, que não se torne ao todo isolado, nem visto como alguém aterrorizante para a sociedade, mas sim, respeitado em sua diferença.

Quem inventa o que fazer com o seu sintoma é o próprio sujeito. Essa invenção é denominada *sinthoma*, que tem por função singularizar, responsabilizando o sujeito pelo seu gozo. O *sinthoma* aparece, assim, como uma solução para o sujeito, como uma forma de enlaçamento dos três registros. A escrita constrói o *sinthoma*. A escrita na psicose é como um enigma e se assemelha à análise que, segundo Lacan (1975-76), é a resposta de um enigma. No *Livro 23, o Sinthoma*, Lacan aproxima a psicanálise da arte, dizendo que esta última pode

atingir o sintoma e pode obter melhor resultado do que uma análise poderia alcançar em seu término.

Como foi descrito no decorrer deste artigo, é através da escrita tomada como suplência que o psicótico inscreve-se, produz corpo, cria um nome, uma identidade, procura barrar a invasão do exterior da qual é acometido o tempo inteiro. Isso não quer dizer que o sujeito não continue delirando, até porque se sabe que os delírios também são uma tentativa de cura para o psicótico e se tornam criações por excelência.

A escrita na psicose não é uma escrita qualquer, diz respeito somente a quem escreve, nem sempre precisa estar sujeita à compreensão. É fundamental ressaltar o caráter de singularidade que a escrita possui, pois, através disso, o psicótico se faz sujeito, escreve o que anteriormente não lhe foi inscrito, podendo amarrar seus delírios ao escrevê-los. Inscreve-se um sujeito no ato de escrever.

Referências

BEDERE, S. As tentativas extremas de Antonin Artaud de recobrar o nome sob a letra. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, June 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982007000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 out. 2009.

BLANCHOT, M. *Espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRESSON, E. *O menino que perdeu sua morte: autobiografia de uma loucura*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, S. (1924). Neurose e psicose. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

_____. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

GOIDANICH, M. Configurações do corpo nas psicoses. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 out. 2009.

GUERRA, A. A escrita na psicose e seus efeitos no encontro com um psicanalista na atenção psicossocial. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 1, 2009.

JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. 3. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

LACAN, J. (1955-56). As Psicoses. *O seminário*, livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1957-58). As Formações do Inconsciente. *O seminário*, livro 5.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 1999.

_____. (1975-76). O Sinthoma. *O Seminário*, livro 23: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAPLANCHE, J. *Vocabulário da psicanálise*. Laplanche & Pontalis. Trad. Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASAGÃO, A. A gramática do corpo e a escrita do nome. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 15, n. 1-2, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100024&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2009.

MELMAN, C. Melancolia. *Psicose*. Porto Alegre, v. 9, p. 32-43, nov. 1993.

NASIO, J. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

NOVAES, M. A letra e o significante-nome próprio na psicose. *Rev. Dep. Psicol. UFF*, Niterói, v. 18, n. 1, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232006000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 out. 2009.

PATROCÍNIO, S. *Reino dos Bichos e dos Animais é o meu Nome*. (org.). Viviane Mosé. 2. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

ROSA, M. A psicose ordinária e os fenômenos de corpo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 116-129, mar.2009.

SANTO, Q. *Teatro Completo*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SOBRAL, P. *Psicose e a escrita: a inscrição de um sujeito*. 80 p. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba de João Pessoa, 2008.

WRITTING IN MADNESS: A MATTER OF INSCRIBING

ABSTRACT:

In this paper, we conducted an investigation in psychoanalysis starting from a bibliographic research about the relationship between writing and psychosis, as well as its implications in the proper noun, the body, the *sinthome* and the act of writing. We consider writing in psychosis to be a way of inscribing the subject, and that can contribute to the depth of the studies surrounding the process of psychosis and its related clinic.

KEYWORDS: Psychosis. Writing. Body. Sinthome.

L'ÉCRITURE DANS LA FOLIE: UNE QUESTION D'INSCRIPTION

RÉSUMÉ:

Ce rapport cherche la réalisation d'une investigation en psicanalyse d'après une recherche bibliographique sur la relation de l'écriture avec la psychose et leurs implications sur le nom, le corps, le *sinthome* et l'acte d'écrire. On considère que l'écriture dans la psychose est une manière d'inscrire le sujet, question qui contribue aux études sur les processus dans la psychose et leur clinique.

MOTS-CLÉS: Psychose. Écriture. Corps. Sinthome.

Recebido em: 15/04/2012

Aprovado em: 25/04/2012

©2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseenbarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseenbarroco.pro.br www.psicanaliseenbarroco.pro.br/revista